

3

Bruxas

As bruxas, essas loucas desconhecidas, que uma sociedade, bastante infeliz já que ela não tinha psiquiatras, votava à fogueira... quando nos livraremos deste lugar-comum ao qual tantos livros ainda hoje reconduzem?

— Michel Foucault (em entrevista a R. Jaccard, 1976)



Figura 24 - Dame Margarete (acima) e sua assistente-faxineira (abaixo)



Figura 25



Figura 26 - Joana D'Arc, queimada na fogueira como a bruxa Marthe Herloff em Dias de ira (abaixo)



Figura 27



Figura 28 - Anne, a filha da bruxa Marthe, condenada à morte

3.1

As bruxas de Benjamin Christensen

Na época em que Dreyer inicia sua carreira de diretor, a grande referência no cinema escandinavo era Benjamin Christensen, ator e diretor dinamarquês, nascido em 1879. Foi durante uma estada em Berlim, em 1914, que Christensen começou a elaborar o projeto de um filme sobre bruxas que daria origem ao famoso filme, hoje um clássico *cult*, *Häxan*. Ao que parece, a ideia surgiu durante a leitura de um famoso livro que lhe caiu em mãos durante a tal viagem, o *Malleus Maleficarum der Hexenhammer*, um guia de caça às bruxas escrito em 1487 por dois monges da inquisição: James Sprenger e Heinrich Kramer. O *Malleus* foi um tipo de livro de cabeceira difundido durante os 250 anos em que a Inquisição perdurou. Iniciadas as pesquisas para o desenvolvimento do roteiro, Christensen tomou conhecimento dos estudos de Charcot nos quais o médico associava sintomas da histeria às descrições dos comportamentos das bruxas medievais. O filme abre com uma longa explanação histórico-teórica sobre a origem dessas figuras e sua relação altamente promíscua e erótica com o diabo. O primeiro episódio mostra as

bruxas e bruxos em plena atividade, fazendo poções mágicas, como nos contos infantis. A bruxaria em *Häxan* está totalmente vinculada ao desejo sexual escandaloso e à repressão do mesmo. Assim, as bruxas seriam detentoras de um saber sobre o corpo e o desejo que dá a elas um estatuto de poder. No primeiro episódio, Christensen conta a história de uma criada que procura bruxas a fim de enfeitiçar o monge para quem trabalha, um monge glutton que come de forma obscena, mas que nem nota a presença física da criada em sua casa. A poção que as bruxas preparam ativa o desejo sexual do monge, o que é retratado numa deliciosa cena cômica de perseguição entre ambos, muito ao gosto do cinema mudo. Além de fragmentar a narrativa e realizar um verdadeiro filme-ensaio, Christensen lança mão de vários efeitos visuais, especialmente sobreposições de imagens e animação com objetos. Utiliza também cenários super elaborados, quase carnavalescos, bonecos e maquiagem sofisticada que ajudam na construção do mundo fantástico dos seres anormais. O diabo no filme é particularmente fascinante e monstruoso, um diabo arcaico, corpulento e obscuro, espécie de enorme homem-lagarto, maravilhosamente interpretado pelo próprio Christensen. O diabo é um grande sedutor, e é esse ardil que faz dele uma figura tão perigosa.

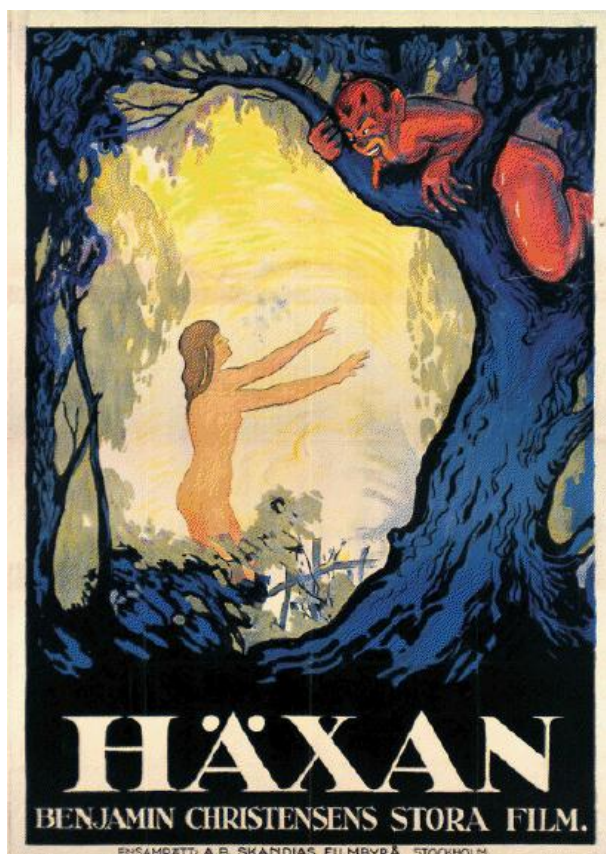


Figura 29 - Cartaz original de *Häxan*



Figura 30 - Bruxa monstruosa em Christensen: velha maltrapilha comedora de bebês



Figura 31 - Bruxaria, morte e erotismo em *Häxan*



Figura 32 - Benjamin Christensen no papel do diabo de *Häxan*



Figura 33 - Patologias femininas: o desejo de tortura

Nada disso aparece no cinema de Dreyer. Boa parte do filme é dedicada a investigar os modos através dos quais a tortura se propõe a purificar essas almas perdidas, terminando num episódio que cria equivalência entre a antiga fogueira e a moderna ducha quente feita para acalmar mulheres loucas no hospício. Também não se pode dizer que Dreyer opere com as mesmas analogias. Mas há uma sequência no filme de Christensen que, em sua arquitetura formal, lembra muito *A paixão de Joana D'Arc*. Os monges são filmados numa cena de conjunto e em vários *close-ups* expressivos. Da velha bruxa sob tortura vemos apenas o rosto intercalado por imagens dos seus pés atados a um arcaico instrumento de tortura.

A bruxaria em Dreyer começa exatamente ali onde a bruxaria de Christensen termina, ali onde este a havia domesticado sob a ideia da patologia histérica, do desvio psíquico. Não que Dreyer negasse essa possível leitura; mas, diferentemente de Christensen, ao introduzir a bruxaria em seus filmes, Dreyer nunca oferece ao espectador o deleite no universo de seres de formas extravagantes e situações fantásticas. As bruxas de Dreyer são mulheres, até certo ponto de aspecto bastante comum, que vivem vidas aparentemente comuns. A bruxaria em Dreyer deve ser entendida dentro do sistema de poderes e saberes no qual se constituiu. Ela está historicamente vinculada à intolerância da religiosidade cristã em seu processo de institucionalização e dominação social. Se as primeiras heresias, nos séculos XII e XIII, eram filosóficas e quase puramente especulativas, na Baixa Idade Média a heresia adquire caráter popular e passa a se confundir com práticas de curandeiros e outros desvios de conduta considerados monstruosos. O que interessa a Dreyer nas bruxas não é tanto a representação desse universo ou a defesa de uma identidade minoritária transgressora em relação aos valores de uma sociedade altamente repressora, ele parece, antes, querer instaurar, por meio delas, uma dimensão de dúvida insolúvel, deixando o juízo do espectador suspenso entre a crença e o ceticismo. A bruxa em Dreyer não tem uma forma necessariamente monstruosa, aliás, algumas são extremamente “bem-feitas”, como Anne em *Dias de ira*. O que as distingue das demais mulheres é principalmente a força ativa de sua palavra, o poder maléfico de unir as palavras às coisas, tornando-as armas perigosas que rivalizam com a potência sagrada da palavra de Deus. A bruxaria em seus filmes se confunde com um certo tipo de fala que incide sobre o ouvinte como uma espécie de ameaça ou praga. O que aproxima Dreyer e Christensen não é tanto a figura da bruxa enquanto desordem anatômica, mas como infração das leis da linguagem, apropriação de uma potência do rito oral que deveria ficar circunscrita à religiosidade oficial. Os dois diretores se conectam no interesse comum de interrogar a bruxaria como um fenômeno amplo que atinge a razão moderna em seus fundamentos.